

# O BIJOU

PUBLICAÇÃO QUINZENAL LITTERARIA  
DEDICADO AS DAMAS VIMARRANENSES

ASSIGNATURAS  
ANNO ..... 300  
Com estampilha ..... 360

GUMARÃES  
DOMINGO 10 DE OUTUBRO 1886

TODA A CORRESPONDENCIA  
Deve ser dirigida á  
REDACÇÃO

## O AMOR

(Continuação)



PARA as minhas leitoras, bem como para toda essa legião que constitue a mais bella metade do genero humano, não será extraordinaria a minha ultima these; pois creio que terao observado esse trecho deliciosamente amargo de desgostos, afflicções e desenganos, redigido pelo mais doce e melhor de todos os moralistas, como lhe chama Bacon, ou terão mesmo sido victimas d'algumas d'essas desconsoladoras consequencias a que o «amor» serve de antecedente forçado.

Uma escriptora franceza chamou ao «amor» — o romance do coração e a Ethnognosia encarrega-se de fornecer os capitulos mais variados e surprehendedentes, repletos das mais palpitantes impressões para esse romance de todas as escholae e tão antigo como a humanidade.

Os escriptores de todos os tempos copiam-n'o dos factos com mais ou menos verosimilhança e, uns tecem-n'o com filigranas de luz, pintorisam-n'o com as cores da aurora e aromatisam-n'o de perfumes de laranjeira, dando-lhe o desenlace de um poema de sorrisos n'um edenico porvir.

Estes são os que abstrahem do «amor» só o que elle tem de bello e feliz ou os que nunca provaram a taça amarga do veneno dos Borgias.

Outros, porem, aspergem-n'o de sombras como os retratos de Rembrandt e dão-lhe um desenlace, se não horroroso como o das tragédias, pelo menos desconsolador como um viver sem esperanças e nostalgico como uma desillusão.

Estes são, a meu ver, os mais verdadeiros, pois tem a seu favor o maior numero

de factos colhidos na observação alheia e na experiencia propria.

O amor é «mais prejudicial que proveitoso, mais amargo que doce,» dizia eu ha pouco, recordando a vossencias ós factos da Historia geral. Hoje, convido-as a revolvermos a historia particular dos nossos amores para vermos que os poucos sorrisos e gozos que nos embriagam não compensam a massada de namorar nem os espinhos que depois se poderão colher no fófo e chimerico porvir que nos illude—

«n'este engano da alma lêdo e cego  
«que a fortuna não deixa durar muito.»

E' bem certo, disse Ninon de Lenclois: «O amor é um capricho que está sujeito assim ao arrependimento como ao fastio» — e eu, que sou tambem um pouco pessimista no assumpto, recommendo a vossencias que gravem no coração, como cruz afugentadora para os diabos de Cupido, este verdadeiro pensamento de Janer :

«O amor é fogo: principia com fumo : (suspiros, desejos, declarações e juramentos); atêa chammãs : (gozos e zêlos); termina com cinzas : (fastio, desengano e esquecimento).

Eis aqui n'uma bella synthese a evolução do amor.

Effectivamente; aquellas palavras doces que se desprendem dos labios dos namorados como gottas de nectar dos calices dos martyrios; aquellas palpações de coração que estalam ardentes dentro do peito como chispas de fogo; aquelles olhares acariciadores que se fundem n'um só e em cujos raios luminosos se desenham quadros phantasticos e attrahentes como os das irradiações da luz da lua projectando-se no azul; aquelles castellos ideaes architectados em sonhos de oiro e esperança; tudo isto destillado no alampique do «amor», dá FASTIO, DESENGANO, ESQUECIMENTO!

(Continua)

Vizella, outubro de 86.

BRAULIO CALDAS.

## UM LEQUE

POR BAIXO D'UMA DECLARAÇÃO D'AMOR

Palavras d'amor juradas  
N'um leque...? Mau juramento!  
Os leques são ventarolas,  
Palavras, leva-as o vento.

F. C.

AO RECEBER UMA PHOTOGRAPHIA

DA EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. A. C.

Sempre gentil, donairoza,  
Sempre linda mariposa,  
Sempre candida cecem.  
Seu rosto sempre mimoso,  
E seu olhar fulgoroso  
Que mil doçuras não tem?...

Mas se é bello, se fascina  
De tão suave bonina  
O exterior fulgurante,  
Menos bella, com certesa,  
Ah! não é a candideza  
De seu coração brilhante.

Seus labios roseos sorrindo  
Prendem... e vão seduzindo  
Os corações com dulçôr;  
De seu corpo os mil encantos,  
De sua alma os dotes tantos  
Deslumbram... matam d'amor.

C.

## PERFIL

NA frente meiga, de um pallôr  
ideal, voejam-lhe os primeiros  
desejos da creança, que muito tímida  
ainda, vae correndo para essa quadra  
da vida, em que as mais levantadas  
aspirações se concentram em um anhe-  
lo unico—um sonho de amor.

E' elegante sem o frauzinismo da  
magresa, é formosa sem a vaidade de  
o ser.

Cabellos de um ébano muito re-  
tinto, muito luzidio realçam-lhe a ado-  
ravel palidez que lhe domina o rosto  
ovalino.

Uns olhos formosissimos, divinos,  
unicos, encimados por umas sobrance-  
llas muito espessas, embebidas nas  
mesmas tintas que lhe coloreiam as tran-  
ças, scintillam olhares enebriantes, at-  
trahentes, que nos fazem passar pela  
idea a recordação das formosas filhas  
da Andaluzia.

Parece sempre dominada por som-  
bras de tristeza; é um engano; quem  
tiver a ventura de lhe gozar a estima  
verá n'essa borboleta, a alegria d'es-  
tes encantadores alados.

Quem será?

E' ella.

Lucia Gentil.

## CONTRASTE

A MINHA IRMÃ MARIA GOMES QUINTÃES

ROMPE a formosa alvorada de  
um dia de primavera.

A aboboda celeste era diaphana e  
transparente. O sol doura levemente as  
petalas das boninas, os malmequeres  
dos prados e as algas dos arroios.

Em casa do morgado mais rico  
da aldeia tudo é festivo e encantador.

E' que vae ser baptisado o seu  
primeiro filho; por isso divisava-se no  
semblante de todas as pessoas um in-  
dizível contentamento.

No jardim, por entre os arbustos  
que ostentavam mimosas flores, brin-  
cam muitas creanças, lindas como as  
rosas, louras como o sol que ia dourar  
levemente as petalas das boninas, os  
malmequeres dos prados e as algas dos  
arroios.

Sahiam de lá suspiros de amor e  
sorrisos de prazer.

E, acolá, em uma cazita fronteira

D  
rente fa  
Ho  
Menezes  
Dia  
Araujo P  
Dia  
mos.  
Dia 4  
de Faria.  
Dia 11  
Tavares Fe

á do morgado, muito perto de um silval aonde brinca a brisa e as aves modulam cantos de amor, morrem de fome e amargura—mãe e filha! dois entes puros como a formosa alvorada de um dia de primavera.

O pranto da pobreza era olvidado pela alegria da opulencia.

Os gemidos e os soluços de angustia que sabem d'essa casa aonde existem dois seres prestes a assumir o descanso eterno, apenas eram ouvidos pela brisa que brinca no silval, e pelas aves que modulam cantos de amor.

Porto—86.

*Emilia Gomes Quintães.*

### METAMORPHOSE

A ANTONIO LEAL

Quando outr'ora eu lia descuidado,  
A bucolica e doce versalhada,  
Que um poeta fervente, apaixonado,  
Com ternura sagrava á sua amada;

Ou quando, em noites bellas de luar,  
Divisava por baixo das janellas,  
Um «dandy» de luneta, a namorar  
As loiras e sympathicas donzellas:

Eu ria-me a «perder, achava graça  
N'aquella caricata e triste farça  
Dos anantes, nos estos da paixão!

Mas hoje tal não faço—uns meus amores  
Vão mettendo-m'a identicos rigores,  
Sujeitando-m'ás leis... da mutação.  
*Antonio d'Almeida.*

### Boletim elegante

Desde hoje até ao dia 17 do corrente fazem annos as ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup>:

Hoje—D. Dorothea Teixeira de Menezes.

Dia 11—D. Carlota Ricardina de Araujo Portugal.

Dia 13—D. Amelia Alves Lemos.

Dia 14—D. Rosa Amelia Ribeiro de Faria.

Dia 17—D. Maria Thereza Pinto Tavares Ferrão.

## QUEM ERA ELLA ?

(NA PENHA)

**A** INEgAVEL que as manhãs do mez de Junho são as mais amenas e recreativas do transcurso do anno.

Poder-se-ha dizer, sem receio de contradicção, que são as unicas que apresentam á nossa vista um exuberante espectáculo de multiplices bellezas. Ha muitas pessoas que não sabem avaliar, nem mesmo se propõem a disfructar as interessantes alvoradas de junho, tão cheias de attractivos, tão seductoras, que a natureza parece estar n'um continuo sorriso, offerecendo-nos uma athmosphera impregnada de delicias olores.

Pois bem, eu, modesto apreciador d'essas naturalissimas sensações, que na sua organização possuem uma elevada substancia hygienica, via, cheio de pesar, que esse mez de manhãs deleitosas, eneantadoras, ia a pouco e pouco declinando para o colossal sarcophago denominado o—passado!

E visto que estava proximo a extinguir-se, resolvi pela vigesima vez, ir aspirar a meiga brisa que suavemente vae arrebatrar ás flores os perfumes que me inebriavam.

Quando um duplo e longinquo badalar do sino da cathedral veio interromper o silencio da noite, já eu subia a ingreme collina que distancea Guimarães do alto da Penha.

A noite circumdava-me, o dia ainda vinha longe.

Achava-me só n'esse paraizo, gosando as bellezas do horisonte: o firmamento parecia querer offuscar-me os olhares com as estrellas da manhã. Depois de analysar esse matiz coruscante que forma na abobada celeste um aspecto grandioso, volvi os olhos ao chão e vi-me rodeado por uns gigantes de granito, que semelhavam heroes adormecidos por a fadiga de cem combattes; e, como que saboreando o descanso, ao abrigo dos troféos colhidos n'um batalhar incessante.

Como que receiando despertal-os do lethargo em que jaziam, subi para o dorso de um d'esses valentes, applicando sempre o maior cuidado para não ir procurar com o corpo a sua base fundamental. Então meus olhos fixaram-se em Guimarães, n'esta cidade do trabalho, que ficava cá em baixo, ao fundo da preciosa montanha; mas, o murmuro produzido pelos seus activos habitantes ainda se não ouvia, e pelo socego que reinava habilita-nos a dizer que esperavam o dia para de novo se entregarem ao seu laborioso trabalho.

A lua, esse facho de irradiações brancas, palidas, vinha donairoza e limpida, pratear os alvejantes e magestosos coruchéos, arrancando ao mesmo tempo tremulantes scintillações, das pyramidaes clara-boias que se elevam aos astros sobre os edificios da cidade.

Estava n'esta contemplação, quando ao longe, muito ao longe, na fimbria do horisonte, a vejo surgir de entre as aureoladas nuvens, envolta no seu formoso véo de branco e vermelho.

Ella era bella! e avançando meiga e silenciosamente pertendia eclipsar com o seu esplendor os brandos reflexos da lua.

(Continua)

Armando de Oliveira.

## ADEUS

Oh ! meu anjo adorado,  
Oh ! minha esp'rança q'rida,  
Que sonho delicado !...  
Visão já dissolvida...

Este meu sonho alado,  
Que me dourou a vida,  
Passou immaculado  
A' sombra denegrida !

Recebe pois um—adeus—  
Anjo agora dos ceus...  
Oh ! meu amor mais q'rido !...

Fugiste-me tambem  
Aos paramos d'alem !...  
Oh ! sonho... dissolvido !

Porto—86.

Rangel de Quadros.

## CORRESPONDENCIA

### NA BIBLIOTHECA

Recebemos e penhorados agradecemos os opuseulos:

*Poesia Oriental, Uma Estraphé do Luziadas de Camoes e a Inspiração*, trez mimos litterarios do sr. Dr. Pereira Caldas, eminente bibliographo e incançavel camonista a quem um dia a litteratura patria poderá dedicar aquelles dous versos d'esse poeta a quem elle tanto venera:

«Mas tanto pelo mundo se alargaram  
«Com fama suas obras valerosas.

### DEVANEIO

Por o nosso illustrado collega «Jornal de Vieira» foi transcripto do nosso jornal este primor litterario, devido á penna da nossa distincta collaboradora a ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Virginia de Abreu.

### «JORNAL DE VIEIRA»

A este nosso estimadissimo collega os nossos agradecimentos pelas poucas merecidas amabilidades que nos endereça.

### CONFERENCIAS PEDAGOGICAS

Recebemos o convite, que agradecemos, para estas conferencias, ás quaes não podemos assistir por causa dos nossos muitos affazeres.

### CLUB-COMMERCIAL VIMARANENSE

Pelo presidente d'esta sympathica aggremação fomos convidados para o sarau ali realisado no passado domingo.

Uma esplendida festa que nos deixou indeleveis recordações.

A' commissão promotora os nossos cumprimentos.

Typ. de GUSE.